

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

CEDI - P. I. B.
DATA 31 / 12 / 186
COD. F4D66636

EDILBERTO COUTINHO

**RONDON E A POLÍTICA INDIGENISTA
BRASILEIRA NO SÉCULO VINTE**

**Palestra realizada na Sociedade
de Geografia de Lisboa – Portugal**

**RONDON AND THE BRAZILIAN INDIAN
POLICY IN THE XXTH CENTURY**

**Lecture given at the City University
of New York – NY, USA**

**Dia Nacional das Comunicações
5 de Maio de 1978**

EDILBERTO COUTINHO

**RONDON E A POLÍTICA INDIGENISTA
BRASILEIRA NO SÉCULO VINTE**

**Palestra realizada na Sociedade
de Geografia de Lisboa – Portugal**

**RONDON AND THE BRAZILIAN INDIAN
POLICY IN THE XXTH CENTURY**

**Lecture given at the City University
of New York – NY, USA**

**PUC – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Dia Nacional das Comunicações – 5 de maio de 1978**

*Ao Padre Emanuel Cândido Rondon do Amarante,
que concedeu a extrema-unção a seu avô,
Cândido Mariano da Silva Rondon*

DIA DAS COMUNICAÇÕES, A HOMENAGEM A RONDON

No Brasil, o Dia Nacional das Comunicações se comemora na data de nascimento de um mestiço paupérrimo. Não é por coincidência. Nascido num casebre — já órfão de pai — no dia 5 de maio de 1865, nos confins de Mato Grosso, Cândido Mariano da Silva Rondon veio a percorrer um caminho longo, áspero, mas cheio de glórias. Sua última entrevista foi concedida aos 92 anos — quando era candidato ao Prêmio Nobel da Paz — ao repórter que o evoca nas duas palestras que compõem este opúsculo. Pioneiro das Comunicações no Brasil, Rondon — que tinha nas veias o sangue de três tribos indígenas (bororos, terenas e guanás) — liquidou com o isolacionismo nacional, ao estabelecer a Comunicação, através do fio telegráfico, entre pontos extremos do País. Sua obra constitui, na verdade, uma espécie de segunda descoberta, pois abriu caminho para a integração definitiva ao território nacional de uma vasta região, que antes figurava nos mapas como DESCONHECIDA. Essa façanha ciclópica, como bem a definiu Theodore Roosevelt — autêntica saga feita de sangue, sofrimento, amor e solidão — determinou que seu realizador fosse escolhido Patrono das Comunicações e lhe valeu outro prêmio maior: a escolha de seu nome para designar o Território Federal de Rondônia.

Edilberto Coutinho
Assessor de Imprensa da PUC/RJ

Rio, 5 de maio de 1978
Dia Nacional das Comunicações
113º aniversário de nascimento e
vigésimo da morte de Cândido
Mariano da Silva Rondon: 1965-1958

RONDON E A POLÍTICA INDIGENISTA BRASILEIRA NO SÉCULO VINTE

Por Edilberto Coutinho

Autor de "Rondon, o civilizador da Última Fronteira" – palestra realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa, Portugal.

O nome de Cândido Mariano da Silva Rondon é conhecido e admirado em quase todos os países do mundo. Mas foi no Estados Unidos da América do Norte que sua obra obteve maior repercussão. Partiu de instituições americanas, por duas vezes, a lembrança do nome do explorador brasileiro para o Prêmio Nobel da Paz.

Em 1957, as principais instituições científicas e culturais brasileiras, em apoio à indicação para essa láurea pelo *Explorer's Club*, de Nova Iorque, enviaram ao *Nobelkomite* um documento de justificativa, em que são resumidos os trabalhos humanitários de Rondon, prestados no interior do Brasil no setor geográfico geral; na construção de um sistema de linhas telegráficas; nos domínios da História Natural, e na conquista pacífica de nações indígenas.

Já em 1953, várias instituições mundiais lembraram o nome desse brasileiro para o Prêmio, mas houve falta de coordenação ao movimento. Nenhuma tomou a iniciativa, esperando que a outra o fizesse, tendo chegado ao Comitê Nobel diversas cartas de apoio, mas nenhum pedido formal de inscrição.

Em apoio à iniciativa do *Explorer's Club*, o documento assinado pelos presidentes das instituições brasileiras lembrava que, no imenso território do Brasil, de 8.513.800 quilômetros quadrados, quase tão extenso no sentido dos meridianos como nos dos paralelos, as descobertas geográficas realizadas por Cândido Rondon avultam tanto que, examinando-se um mapa da América do Sul cuidadosamente elaborado, pode-se logo dizer se foi feito antes ou depois de suas penetrações. Todas as dez fronteiras com os países que circundam o território do Brasil foram visitadas por ele, em trabalhos técnicos de levantamento e inspeção.

Nessa tarefa, sempre admitiu em sua equipe, por espírito fraternal, trabalhadores estrangeiros – em geral, hispano-americanos – colocando-os em situação de igualdade com os brasileiros, e transformou a chegada a cada fronteira em motivo de expansão fraternal com o povo confrontante. Durante as expedições de Rondon foram levantadas cerca de 40 mil quilômetros de itinerários por terra, abrindo estradas, caminhos e piques em regiões desconhecidas, e por água, em ubás ou pirogas, canoas e lanchas, dentro de

rios, lagos e pantanais. De sua atuação como engenheiro militar, resultou a construção das linhas telegráficas, mais de 6 mil quilômetros de fios sobre posteação, pondo em contato todos os pontos do Brasil. Ao mesmo tempo, obteve uma imensa coleção de material de História Natural, colhida em zonas semi-úrgens e outras, nunca antes penetradas, por naturalistas especializados que o acompanhavam. E tão rica em herbários, animais de todo gênero devidamente conservados, espécimes de rochas diversas, de minerais isolados e artefatos indígenas que, ao entregá-la, gratuitamente, ao Museu Nacional, disse o então Diretor dessa instituição, professor Alípio de Miranda Ribeiro, que se houvesse de decidir entre o que o Museu acumulara em um século e o que a Comissão Rondon trouxera de uma só vez, para seus mostruários, não hesitaria em preferir a contribuição de Rondon.

A abundância de material raro, até então desconhecido, permitiu que o Museu Nacional do Brasil atendesse aos pedidos de vários museus estrangeiros, realizando troca de vegetais, minerais, animais e artefatos indígenas. Cerca de duzentas publicações, oficiais e particulares, ilustradas por gravuras, plantas topográficas e cartas parciais, resultaram do estudo desse material recolhido por Cândido Rondon e seus companheiros.

Rondon dirigiu pessoalmente o levantamento topográfico de seu longo itinerário de quase meio século pelo interior do Brasil. À medida em que elaborava a representação dos levantamentos, interpretava-os geograficamente, a eles reunindo o resultado de longas pesquisas feitas em arquivos do Brasil e do exterior, revivendo explorações esquecidas ou inaproveitadas, juntando dados modernos aos existentes, de modo que se pode dizer que a Carta atualizada por ele resume duzentos anos de cartografia.

Os trabalhos de Rondon no interior do Brasil não foram apenas os de um chefe de serviços técnicos, realizando a descoberta geográfica de mais de quarenta mil quilômetros quadrados e fazendo o levantamento de zonas até então sem cartografia; construindo o maior sistema de linhas telegráficas do Continente; orientando e auxiliando a realização de pesquisas de História Natural e de Etnografia em regiões inexploradas e estimulando os estudos decorrentes.

Foi ele, principalmente, o pacificador de tribos indígenas em estado de guerra com os brancos ou umas com as outras. Uma espécie de apóstolo das selvas brasileiras, despertando na consciência popular do País o interesse pela vida desses indivíduos, na sua expressão, "desterrados dentro da própria Pátria". Ao criar o Serviço Nacional de Proteção aos Índios, em 1910, o Governo Brasileiro deu sentido oficial à obra de Rondon, aplaudida pelo Congresso Universal das Raças, reunido em Londres, no ano seguinte, que apontou o modelo brasileiro como "exemplo a ser imitado, nos países onde existem populações indígenas, para honra da Civilização."

Em 1957, fui encarregado, pelo *Jornal do Brasil*, de fazer um levantamento da vida e obra de Rondon, entrevistando alguns dos sobreviventes de suas expedições e ao próprio Rondon, que há dez anos não concedia entrevistas.

O nosso herói nonagenário era então candidato ao Prêmio Nobel da Paz, por seu trabalho em favor dos Índios e como árbitro em questões de fronteiras na América do Sul. Em 1955, merecera o prêmio Albert Schweitzer, o apóstolo das selvas africanas. Em muitos aspectos, a obra de Schweitzer lembra a de Rondon, sendo menor em número de realizações. Também Theodore Roosevelt, que acompanhou Rondon na expedição de 1913-1914 à Amazônia, recebera o prêmio, por atuar como mediador da guerra russo-nipônica, tarefa semelhante à de Rondon ao dirimir a querela de Letícia, entre o Peru e a Colômbia.

Após várias visitas, em que apenas eram permitidas tomadas de algumas fotos, pelos fotógrafos que me acompanhavam, mostrando o ambiente em que vivia, consegui conversar com Rondon. Referindo-me à sua própria experiência, através de dados revelados pelos companheiros de expedições que entrevistei e colhidos em livros publicados à época da Comissão Rondon, por Theodore Roosevelt, Roquete Pinto, Botelho de Magalhães e Gastão Cruis, entre outros, obtive do Marechal Rondon que recordasse a experiência da selva em suas próprias palavras.

A última entrevista foi em 5 de maio de 1957, quando Rondon completou 92 anos. Recebeu-me sentado numa rede. Vestia um blusão branco, abotoado no colarinho, e calças cinza. Ao lado da rede havia um pássaro da Amazônia, numa gaiola, e Rondon usava um colar indígena que lhe fora presenteado naquele dia por um Chefe indígena, que viera visitá-lo. Esse índio lhe disse que deveria ir morrer na selva, entre os índios. Alegava que, morrendo no Rio, seria enterrado às pressas e sem os rituais necessários; e os civilizados logo o esqueceriam.

Isto não aconteceu. Alguns meses depois, em 19 de fevereiro de 1958, o Marechal Rondon seria enterrado com honras de Ministro de Estado. E quando um corneteiro preto se empertigou e começou o toque de silêncio, entre a enorme multidão que se comoveu com a cerimônia estavam o presidente da República, Juscelino Kubitschek, e todas as principais autoridades do país.

A última entrevista foi breve, devido à avançada idade do entrevistado e às ordens médicas expressas. Rondon preferiu, pessoalmente, conduzi-la para o lado episódico, lembrando acontecimentos de sua vida de sertanista. Àquela época, sua saúde ainda era boa, podendo-se presumir que chegaria ao centenário. Há vários anos, perdera uma vista e enxergava muito pouco com a que lhe restava. O espírito, contudo, mantinha-se espantosamente lúcido. Embora não recordasse, com precisão, muitos fatos de sua vida e episódios recentes da vida nacional — que demonstrava desconhecer ou lhe eram indiferentes — revivia a experiência da selva com extraordinária nitidez, citando nomes e datas, contando episódios e referindo-se a diversos companheiros. Falando tão baixo que quase não se percebia inteiramente suas frases, a boca enrugada esboçando um sorriso para o passado, reviveu momentos de quase meio século antes, lembrando inclusive o nome de um cão, Cahí, que o acompanhou na expedição com Theodore Roosevelt e morreria cinco anos depois, em 1919. Este, aliás, foi o mesmo ano em que morreu o ex-presidente dos Estados Unidos, que se honrou com a amizade de Rondon e se tornou um de seus mais insígnis biógrafos, ao narrar a história da expedição no livro *Through the Brazilian Wilderness (Através do Sertão Brasileiro)*.

Rondon poderia ter sido o que quisesse no Brasil — Ministro de Estado e até Presidente da República — pois a sua popularidade foi sem igual ao tempo de sua imensa atividade. Mas dizia sempre que o maior prêmio eram “as alegrias da dedicação”, e esta ele a exerceu principalmente em favor de seus “irmãos mais desprotegidos”, como chamava aos índios, então caçados e arcabuzados em suas próprias terras, como animais selvagens.

Eles eram cerca de dois milhões, quando as caravelas portuguesas chegaram. Brutais no aspecto, atropófagos em sua maioria, assim mesmo eram um povo; possuíam uma cultura, terras cultivadas, uma divindade à altura de seu nível e uma infra-estrutura de conhecimentos que lhes permitia viver bem apesar da ausência de civilização.

O objetivo dos pesquisadores foi trazer os nativos para a civilização, liquidando com a sua cultura e forçando-os a, praticamente, renegar suas tradições, dando-lhes uma série

de necessidades para as quais não estavam – como não estão – preparados.

Hoje, a civilização registra mais uma vitória. Os índios brasileiros foram reduzidos a, quando muito, cem mil. Se o estádio de futebol do Rio de Janeiro, o Maracanã, comporta até duzentos mil torcedores, pode-se então dizer que, se todos os índios forem aí colocados, não chegarão a ocupar a metade das dependências.

Alguns anos atrás, registraram-se no Brasil novas ocorrências criminosas contra os índios, que muito denegriram o conceito internacional de nosso país. A matança impiedosa de grupos indígenas voltava a ocorrer, como um desmentido prático à política indigenista adotada no Brasil, principalmente após o advento da República, em 1889, e no momento em que o representante brasileiro na Organização das Nações Unidas, Carlos Calero Rodrigues, rejeitava o racismo implantado na África do Sul, dizendo: “O Brasil não pratica, não compreende e não aceita a discriminação ou segregação racial”. A propósito, o diplomata lembrava que os direitos humanos, de cuja defesa se encarregava à própria ONU, com a participação do Brasil, incluía o bem-estar das populações aborígenes, que não deveriam receber tratamento que conflitasse com aqueles dispositivos. Afirmou enfaticamente Calero Rodrigues: “Dizei a um brasileiro comum que os filhos dos brancos e os filhos dos homens de cor devem ir a escolas diferentes, que devem ser tratados em hospitais diferentes, que alguém não pode morar em um certo bairro da cidade porque uma de suas avós era de origem africana, e esse brasileiro comum vos olhará surpreso e vos considerará – com toda razão, de resto – como alguém que não tem perfeitas suas qualidades de julgamento e de raciocínio.”

Comentando os acontecimentos, questionou o professor Arthur Cezar Reis, presidente do Conselho Federal de Cultura do Brasil: “Ora, se assim nos comportamos nas reuniões da Corte Mundial para as relações universais, como comportarmo-nos de maneira diversa quando temos de enfrentar episódios tão tristes, tão degradantes, tão desumanos como esses que estão provocando o pronunciamento condenatório nacional e extranacional? Estaríamos, então, violando direitos humanos, cujos princípios aprovamos e constam da publicação da ONU *O Direito de ser um Homem*, em cujas páginas se encontram trechos de diversos brasileiros, inclusive um, de José Bonifácio, escrito em 1823, em defesa dos índios?”

A Constituição do Brasil assegura “aos silvícolas a posse permanente das terras que habitam, reconhecido o seu direito ao usufruto exclusivo dos recursos naturais e a todas as utilidades nelas existente”. Movimentaram-se várias instituições culturais, a exemplo do Conselho Federal de Cultura e, principalmente, foram mobilizados os recursos da Fundação Nacional do Índio – FUNAI – para que, na prática, fosse seguida a orientação legal que a Constituição determina para a preservação dos direitos dos índios.

Como sabemos, os europeus, ao chegarem à América, deram a seus habitantes a denominação de índios, por pensarem estar pisando as terras das Índias. Mesmo depois de suas explorações os levaram a perceber o engano, demonstrando que a América constituía um continente à parte e distante da Ásia, os habitantes do Novo Mundo continuaram a ser chamados de índios.

A necessidade de definir com certa precisão os índios estava ligada – como até hoje ainda está – a problemas de ordem prática. Tanto Portugal como a Espanha tinham uma vasta legislação com respeito a eles. Atualmente, os países americanos, além da legislação referente aos índios, possuem órgãos destinados à sua assistência – como a FUNAI, do Brasil, já referida – fazendo-se necessário um critério mais ou menos preciso para

distinguir aqueles que têm direito a tal assistência. Nos Estados Unidos, a definição oficial de índio é a seguinte: “Uma pessoa com uma quarta parte de sangue indígena, que esteja legalmente inscrita nas listas do Governo como índio”. Com base nas resoluções do II Congresso Indigenista Interamericano, reunido em Cusco, Peru, em 1949, foi adotado no Brasil um critério denominado de auto-identificação étnica, segundo o qual indígena é aquela parcela da população que apresenta problemas de adaptação à sociedade brasileira, motivados pela conservação de costumes, hábitos ou mera lealdade que a vinculam a uma tradição pré-colombiana. Ou, ainda, mais amplamente: índio é todo indivíduo reconhecido como membro por uma comunidade pré-colombiana, que se identifica como etnicamente diversa da nacional e é considerada indígena pela população brasileira com que está em contato.

Segundo esse critério, o que decide se um grupo de indivíduos pode ser considerado indígena ou não, seja qual for a sua composição racial e estejam em que estado estiverem suas tradições pré-colombianas, é o fato de eles próprios se considerarem índios ou não, e de serem considerados índios ou não pela população que os cerca.

Com base neste critério é que a população indígena do Brasil está atualmente calculada entre setenta mil e cem mil indivíduos. À falta de informações precisas sobre grande parte de grupos tribais, foi estimada para cada grupo uma população mínima e uma máxima. A soma de todas as mínimas foi de 68.100 indivíduos, e a das máximas, de 99.700.

A população indígena do Brasil decresceu rapidamente, desde a conquista dos europeus, e continua a decrescer. Basta dizer que no ano de 1900 o número de grupos tribais no Brasil era de 230; entretanto, em 1957, eram somente 143. Em apenas 57 anos, portanto, desapareceram 87 grupos.

Em 1900, é nomeado chefe da Comissão Construtora das Linhas Telegráficas, com a missão de levar as comunicações à selva amazônica, o major, do Corpo de Engenheiros Militares, Cândido Mariano da Silva Rondon, de 35 anos.

Nascido no dia 5 de maio de 1865, no Estado de Mato Grosso, corria nas veias de Rondon o sangue de duas bisavós índias. Muito cedo perdeu os pais, durante uma epidemia de varíola que se abateu sobre o seu Estado durante a invasão de Solano Lopes, ditador do Paraguai e pretense conquistador do Brasil. Rondon aprendeu as primeiras letras com um ex-sargento da guerra com o Paraguai. Entre os sete e os oito anos foi morar com um tio, em Cuiabá, onde completou a educação secundária. Aos 16 anos, recusou uma nomeação para professor.

Foi alistar-se como soldado, no Rio de Janeiro. Como soldado e estudante, fez os seus preparatórios para Academia Militar. Em 1886, é cadete e republicano, muito influenciado pelo líder da juventude militar do país, Benjamin Constant, que arquitetava a deposição da Monarquia.

Rondon toma parte ativa em dois movimentos cívicos, que logicamente se encadeiam: a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Theodore Roosevelt, o ex-presidente dos Estados Unidos, que acompanhou Rondon na expedição científica à Amazônia, em 1913-14, observaria, decorridos 25 anos da mudança de regime no Brasil: “Esta nação foi mais feliz do que a maioria de suas irmãs hispano-americanas, pois tornou-se República mais em consequência de uma *evolução* do que por meio de *revolução*. Aquelas se lançaram numa experiência muito difícil de governo do povo e pelo povo, depois de haverem suportado, pelo transcurso de três séculos, o atrofiamiento de

todas as qualidades de império e confiança em si mesmas, sob a pior e mais inepta das formas de governo colonial que jamais haja existido, tanto do ponto de vista civil como do religioso. É maravilhoso que algumas delas tenham conseguido evoluir de modo tão admirável, ao mesmo tempo que outras fracassaram. O Brasil, pelo contrário, quando proclamou a sua Independência, teve-a a princípio sob a forma de Império absoluto e, depois, de Império liberal. Quando veio a República, o povo estava razoavelmente amadurecido para ela. O grande progresso do Brasil – e tem sido um progresso espantoso – se manifestou sob o regime republicano. Eu poderia dar inúmeros exemplos desse fato, como seja o da transformação do Rio de Janeiro, de pitoresco refúgio de pestes, em cidade de singular beleza, asseio e salubridade”.

Theodore Roosevelt escreveu estas impressões em 1914, no seu livro *Through the Brazilian Wilderness (Através do Sertão do Brasil)*, admirado com os resultados dos esforços do prefeito Pereira Passos e do higienista Oswaldo Cruz, que tanto contribuíram para que a cidade do Rio de Janeiro merecesse por algum tempo a denominação de “maravilhosa” – “com a eficiência dos grandes centros urbanos”, acentuou Roosevelt, que completou: “Outro exemplo que desejo dar é a obra da Comissão das Linhas Telegráficas, sob o comando do coronel Rondon”.

Ao aceitar a tarefa que o Governo lhe confiou, em 1900, Rondon decidiu que, a par da importância do estabelecimento das comunicações, pelo telégrafo, entre todos os pontos do Brasil, poderia dilatar o seu campo de atividade para amplas indagações científicas, pelo estudo da geografia e da topografia da Amazônia e zonas circunvizinhas, da flora e da fauna brasileiras, da mineralogia e da geologia, da climatologia, das águas termais, da etnografia indígena e tentar, também, a pacificação dos silvícolas habitantes da *jungle*, com a observação de seus costumes e o estudo de suas línguas. Tentaria, ainda, modificar os hábitos guerreiros dos soldados sob o seu comando, neles inculcando aspirações e idéias de fraternidade com respeito aos índios, e esta seria a semente para se atender à palpitante necessidade de povoamento e civilização do interior do Brasil.

Rondon instituiu, entre os seus comandados, o lema do risco de vida em troca da benevolência. Não admitia o tratamento agressivo e desumano com as tribos indígenas, lembrado sempre das palavras de José Bonifácio de Andrade e Silva, para quem os civilizados eram “os usurpadores das terras do Brasil”, cujo dono mais legítimo ele considerava os próprios índios.

Em sua primeira missão na selva, Rondon acompanhou como auxiliar ao General Gomes Carneiro, denominado por Pedro Calmon “o Consolidador da República”, por sua atuação na Revolução Federalista de 1893, que garantiu a sorte do segundo governo da República, o de Floriano Peixoto.

Carneiro ensinou-lhe a conquistar os índios sem hostilizá-los, respeitando-lhes todos os direitos e assegurando-lhes todas as garantias, inclusive a posse das terras.

Quando um dia as foices iam abrindo picadas, depois de atravessar as terras dos parecis, já pacificados, Rondon e seus companheiros foram atacados pelos nambiquaras, que usavam machados de pedra, não conheciam a canoa e flexavam impiedosamente.

Era o dia 22 de abril de 1907, e Rondon escapou de morrer na ponta de uma flecha envenenada, que hoje se encontra no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Aquele episódio poderia ter sido o início de um morticínio, que seus soldados começariam, para responder à agressão com as balas de seus fuzis. Rondon proibiu a represália, lembrando o lema adotado ao invadirem as terras dos índios: “Morrer, se necessário for; matar, nunca”.

Desarmou-se e ordenou a seus companheiros que o irritassem, para demonstrar os propósitos pacifistas da expedição.

No local, deixou, presentes. E afastaram-se. Os guerreiros indígenas compreenderam o gesto, que seria repetido em outras ocasiões, até captarem completamente a confiança dos nambiquaras. Aquele procedimento tornou-se rotina nos encontros belicosos: os índios venciam, a expedição se retirava. Mas voltaria com emissários, procurando contatos pacíficos. E os homens de Rondon não se consideravam derrotados, mas vencedores, também, porque não haviam matado.

Durou meio século o internamento voluntário de Cândido Rondon nas selvas do Brasil. A marcha monumental que empreendeu corresponde a uma espécie de segunda descoberta. Dotou a nacionalidade de um território, em condições de receber a civilização, igual ao da França, no qual estendeu quilômetros e quilômetros de fio telegráfico, numa distância que poderia ligar Lisboa a Varsóvia. E foi possivelmente Rondon o único desbravador de terras selvagens, em qualquer época e lugar, que saiu de sua empresa sem uma nódoa sequer de sangue no uniforme que tanto honrou.

Disse um dos seus auxiliares, o general Jaguaribe Gomes de Matos, que Rondon era o homem que tinha na sola dos pés o mais longo caminho jamais percorrido, para acrescentar: “E quantas realizações, em cada passo dessa longa caminhada!” Rondon, modesto como era, fez entretanto o papel de um príncipe da Renascença: viajava com geólogos, com antropólogos, com botânicos, que iam realizando o levantamento científico do Brasil. É como civilizador, portanto, que empreende a conquista da Amazônia, num desmentido a Humboldt, quando afirmou não ser aquela latitude compatível com a civilização.

Como civilizador, com uma marca singular, nessas viagens de descobrimentos e de engrandecimento do Brasil e dos brasileiros: a marca humanitária. No mundo violento de hoje é bom que um país possa lembrar a figura de um homem que lhe dilatou as fronteiras, que lhe aumentou o espaço vital sempre respeitando severamente a vida que encontrou.

Com efeito, nas mil florestas que entregou ao Brasil, Rondon deixou cruces assinalando túmulos de muitos de seus auxiliares, mortos em ataques dos índios, mas não deixou um só índio morto. Foi assim que constelou de bravos as suas expedições, quando teria sido fácil – como se tendia, e se tende, a fazer – guarnecê-las de assassinos.

Rondon morreu antes de ser conhecido o veredicto do Prêmio Nobel da Paz e, como se sabe, a láurea não é atribuída post-mortem. Inúmeras homenagens, entretanto, lhe foram prestadas em vida. Na Alemanha, seus feitos foram divulgados nas escolas, para exemplo e estímulo da juventude. Paris festejou o seu 89º aniversário, com uma sessão solene na Sorbonne, na qual se manifestaram representantes das principais universidades da França.

Seu trabalho em favor da paz interna, como da externa, só é comparável, em grandiosidade, à sua contribuição para o conhecimento do ecúmeno, tendo por isto a Sociedade de Geografia de Nova Iorque inscrito o seu nome em letras de ouro, num livro aberto aos visitantes, como um dos cinco maiores exploradores do mundo. São esses cinco nomes:

PEARRY – o descobridor do Polo Norte;

AMUNDSEN – o descobridor do Polo Sul;

BYRD – o maior explorador das Regiões Antárticas;
CHARCOT – o maior explorador das Regiões Árticas, e
RONDON – o homem que mais se adentrou em terras tropicais, onde foi, também,
descobridor.

Theodore Roosevelt, na cerimônia em que o representou – para receber em seu nome, o Prêmio Livingstone, da Sociedade Americana de Geografia – afirmou: “A América pode apresentar ao mundo as suas realizações ciclópicas: ao Norte, a abertura do Canal do Panamá; ao Sul, a obra de Rondon – científica, prática e humanitária.”

Essa obra continua na ordem do dia, no Brasil, apontando para Rondon como pioneiro no esforço de integração definitiva da Amazônia e como reabilitador do homem brasileiro, principalmente do mestiço, que muitos consideraram “inferior”, por ser apenas atrasado; e “incapaz”, quando era apenas ignorante. É ignorado.

Sempre lembrado de sua origem humilde, foi aos brasileiros mais humildes e desamparados que Rondon dedicou a maior parte de sua vida e de seus esforços. Por isto, ao contrário do que predisse o Chefe Índio, seu amigo, será sempre lembrado com gratidão por todos os brasileiros.

Rondon and the Brazilian Indian Policy in the 20th Century

By Edilberto Coutinho

Author of "Rondon, o Civilizador da Última Fronteira" (Rondon, the Civilizer of the Last Frontier) – Lecture given at the City University of New York, NY, USA

Candido Mariano da Silva Rondon's name is known and celebrated in nearly all countries of the world. But it was in the United States that his work attained its greatest recognition.

Twice he was nominated for the Nobel Peace Prize by American institutions. In 1957 seven presidents of prominent Brazilian institutions sent a document to the Selection Committee for the Nobel Prize backing Rondon's proposal by the New York Explorers' Club. The document justified his nomination because of Rondon's humanitarian services carried out in the Brazilian hinterland in general geographic sector, in building a telegraphic communications system, in Natural History and the peaceful pacification of indigenous people.

Already in 1953 several world institutions had put forward Rondon's name for the Nobel Prize, but the proposals lacked coordination. Nobody took the initiative hoping that others would do so. Letters came to the Nobel Prize Selection Committee backing the proposals but without a direct request for inscription.

The 1957 document noted that in Brazil's eight and a half million square kilometers Rondon's geographical discoveries were so extensive that one could see at once if a South American map was drawn before or after him.

Rondon reached all ten Brazilian borders, in an effort to define them exactly. In this task he always included Spanish-speaking American and Brazilian Indians among his collaborators. He treated them all alike, thus making the arrival at a border an occasion for fraternal meetings with Brazil's neighbours. Rondon's expeditions covered almost forty thousand kilometers in primitive dugout canoes by rivers, lakes and swamps, opening new roads and trails in unknown Amazonian areas.

As a military engineer Rondon extended no less than six thousand, five hundred kilometers of telegraphic lines connected with the rest of Brazil. An enormous collection of valuable material for Natural History was made in little known, unexplored areas. A commission of expert naturalists took charge of the collection's conservation and transportation. It contained herbal specimens, every kind of properly preserved animals,

various kinds of rocks and selected minerals and some Indian handicrafts.

It was about such a rich contribution that the director of the Rio de Janeiro National Museum, Professor Alipio Ribeiro said he would not hesitate in preferring it to the entire one-century holding of the Museum. The abundant, rare material, unknown at that time, made it possible for the Brazilian National Museum to exchange requests with various foreign Museums.

About two hundred publications, both official and private, illustrated with drawings, topographical maps and plans resulted from Rondon's travels. He personally coordinated the topographical record of his half-a-century exploration of the Brazilian hinterland. As he interpreted his geographical findings, adding the results of his long studies in Brazilian archives, he was able to bring two hundred years of cartography up to date.

Rondon's work in the Brazilian jungle was not only that of an expert geographically exploring more than two hundred thousand square kilometers; he charted mapless areas, built the greatest South American telegraphic communications system and did research in Natural History and Ethnology in unexplored areas.

He was foremost a peacemaker in Indian wars. In 1910, the Brazilian government created the National Service for Protection of Indians, thus officially approving Rondon's efforts. The Congress of Races held in London in 1914 singled out the Brazilian model as a worthy example for the honor of Civilization in the countries with Indian populations.

In 1957, the "Jornal do Brasil" where I worked assigned me to make a survey of Rondon's life and work by interviewing the survivors of his expeditions as well as Rondon himself, who had not granted interviews for ten years.

At that time, our ninety-two years old hero was being considered for the Nobel Peace Prize for his work on behalf of the Brazilian Indians and as an arbiter in South American borders. Albert Schweitzer, the apostle of the African forests, was awarded the Prize in 1955. In many ways Schweitzer's work recalls that of Rondon, although his achievements were less ponderous. Theodore Roosevelt, who had accompanied Rondon in the 1913-14 expedition to the Amazon, also received the Prize for his mediation in the Russian-Japanese war, a task similar to that of Rondon, in settling the Letician dispute between Peru and Colombia.

After a number of visits in which the photographer was only allowed to take pictures of the surroundings, at last I was able to talk to Rondon. Our last interview was granted on May 5, 1957, when he was 92 years old. He was sitting in a chair with an Amazon bird on a perch at his side. He was wearing grey trousers and a white shirt buttoned up to his neck, where there hung an Indian neck-pendant presented to him on that very day by a Chief.

This Indian had told him to return to the jungle to die among the Indians; if he were to die here, he would be quickly buried, without rituals and would soon be forgotten. That did not happen. A few months later, on February 19, 1958, Rondon was buried with the honors of a Minister of State. When the Black bugler drew himself up to sound the taps, among the huge crowd of mourners were President Juscelino Kubitscheck and the principal Brazilian authorities.

My last, short interview with Rondon, owing to his advanced age and medical advice, confined itself to his personal preference for reminiscences. His health was still good and one thought he would live to be a hundred! He was blind from one eye, seeing

very little with the other. In spite of all this, his mind remained extraordinarily lucid. Although unable to remember precisely his recent life or national events — he did not know them, or was he indifferent to them? — Rondon relived his jungle experiences with amazing clarity recalling names and dates and recounting anecdotes about his fellow-travelers.

On the day of his ninety-second birthday, he spoke so low that it was difficult to hear all the words. His wrinkled lips smiled at past thoughts, some of them half-a-century ago; he even remembered the name of the dog, Cahi, which had accompanied him on the expedition with Theodore Roosevelt.

Rondon could have been anything he wished — a Minister of State, or even President of the Republic he helped to establish — for his popularity was unequaled at the time of his extraordinary activities. But he always said his greatest reward was having done a worthwhile job. Surely he did this for the less privileged Brazilians, the Indians, chased in their own lands like wild beasts.

Major Candido Mariano da Silva Rondon, from the Army Engineering Corps, was thirty five years old in 1900 when appointed chief of the Telegraphic Construction Committee charged with the task of extending communications into the Amazonian jungle. He was born on May 5, 1865 in Mimoso, a small village in the Mato Grosso hinterland, with two Indian Great-Grandparents blood in his veins. His father was of Portuguese-Spanish, Guana Indian origin; his mother descended from Terena and Bororo Indians. They died from smallpox when Brazil was invaded by the Paraguayan dictator Solano López. Rondon learned to read with an ex-sargeant from that war. At the age of seven or eight, he went to live in Cuiabá with an uncle and finished high school at 16, when he refused a professorship.

He came to Rio de Janeiro and enlisted as a soldier in the Third Horse Artillery Regiment, preparing himself for the Military Academy. In 1886, Rondon was a cadet and a republican influenced by Benjamim Constant, the young military leader who organized the overturn of the Monarchy. Rondon took an active part in the two civic movements logically linked — the Abolition of Slavery and the Proclamation of the Republic.

Only at the beginning of the 20th century did the Indian's cause receive attention, and the credit for the first constructive action defending the Brazilian Indians certainly goes to Candido Rondon, who induced the Brazilian Government to create the first Indian Protection Service.

In 1891, a special Commission for the construction of Telegraphic Lines was created to install a network of telegraphic lines in Mato Grosso. The first one was Cuiabá-Conceição do Araguaia (now Alto Araguaia). This line was installed across the Bororo territory, a hazardous undertaking against unsurmountable obstacles. But it was carried out: 1.574 kilometers of line were extended in record time, the first year after the creation of the Commission.

Shortly afterwards Rondon was commissioned to install a telegraphic line from Cuiabá to Corumbá and to the borders of Bolivia and Paraguay. This was even more difficult because the area was infested with malaria. Other diseases such as beri-beri, as well as accidents and desertions were a common occurrence. Rondon's helpers eventually dwindled from 80 to 30 men. Mastering the Bororo language, Rondon succeeded in training the Indians to work in exchange for presents and food.

In 1906, another telegraph line was installed to link the Amazon with Acre. In

these activities Rondon learned much about the vast Brazilian hinterland, and gained a unique understanding of the Indian problem. By then he was respected and worshipped by most Indian tribes throughout Brazil, which called him "Pajmejera" (Great Chief) and the Morse Code of dots and dashes, "Mariano's language". His influence was so great that all his requests were law. He entrusted the Indians with the protection of all telegraphic posts, a task which they carried out seriously and earnestly.

In the installation of the telegraphic lines, and later on as director of the Indian Protection Service, and inspecting all Brazilian borders from Guiana to Argentina, Rondon travelled more than 40,000 kilometers. During his explorations he collected valuable information on Brazil's hinterland, including linguistic, geological, ethnographic, botanical and zoological data.

Rondon put all his determination and capacity as a leader at the service of the Indians. There were about two million Indians when the Portuguese landed in 1500. They were of savage aspect, many of them were cannibals, they had a kind of rough culture, cultivated lands and worshipped a God of their own; with a certain amount of knowledge which allowed them to live in spite of the absence of civilization. The idea was to civilize the Indians by suppressing their culture, forcing them to renounce tradition and providing them with white-civilization needs and goals, for which they weren't and are not prepared. Today civilization is victorious. The Indians are now reduced to one hundred thousand at most, so that if they were all gathered in the Maracanã football stadium in Rio de Janeiro they would not even fill half the seats.¹

In 1939, the National Council for the Protection of the Indian, with Rondon as first president, was created. In 1967, the National Foundation of the Indian ("FUNAI") absorbed the Indian Protection Service, the National Council for the Protection of the Indian and the Indian Park of the Xingú.²

Rondon believed that the mere contact with civilization tended to destroy Indian ancestral beliefs and to upset their customs and tradition. The proselytizing of the Indians without ensuring their economic survival as independent ethnic groups has resulted in the desintegration and disappearance of many tribes. In order to prevent the dispersion of the communities, the vulnerable and sensitive Indians must be prepared to face the shock of civilization by a carefully planned education about their valuable cultural heritage. The preservation of Indian communities will benefit the Indians themselves and the whole world through their invaluable anthropological, mythical and linguistic treasures.

Rondon's memory is still cherished by the Brazilian native tribes, which have a real devotion to him because he was always tender and gentle towards them. A few years ago several crimes against Indians deeply damaged Brazil's reputation. The pitiless killing of indigenous groups contradicted the Brazilian Republican attitude, and the Brazilian U.N. representative spoke out against South African racism: "Brazil does not practice, does not understand and does not accept racial discrimination and segregation".

In this context, the Brazilian representative pointed out that human rights included the defense of the aboriginal populations against any behavior contrary to those rights. As Mr. Carlos Calero Rodrigues added: "If I told an ordinary Brazilian that the children of white people and the children of colored people should go to different schools, be treated in different hospitals or that a person might not live in a certain suburb because one of his grandparents was of African origin, this ordinary Brazilian would look at me with

astonishment and would certainly consider me a person whose qualities of reasoning and judgement were lacking”.

Commenting on this, the president of the Brazilian Federal Council of Culture, professor Arthur Cesar Ferreira Reis said: “If we behave as we do at the United Nations, how can we behave differently when faced with such sad, degrading and inhuman happenings which are causing national and international condemnation? Are we then violating the human rights and the principles we approved? The United Nations publication *The Rights of Man* reproduces statements by some Brazilians, as José Bonifácio, the great Independence patriot, in defense of the Indians”.

The Brazilian Constitution assures that “Native people have the permanent ownership of the lands they inhabit and we recognise their right to exclusive use of the natural resources in them”. And crimes against the Indians are punished by ordinary law.³

A number of cultural institutions were set up following the example of the Federal Council of Culture and the resources of the National Foundation of the Indian – “FUNAI” – were mobilised to uphold the rights of the Indians with the legal orientation laid down by the Constitution, which should be put into practice.

As we know, when the Europeans arrived in America they called the inhabitants Indians because they thought they had landed in India. Even after the exploration of the land proved their mistake, for America was a separate Continent, distinct from Asia, the original inhabitants of the New World continued to be called Indians.

The need to define more precisely the Indian was linked to practical problems. Both Spain and Portugal had a vast legislation referring to them. Nowadays, American countries also have organizations designed to aid the Native peoples – as the Brazilian National Foundation for the Indian – “FUNAI” – which establishes the necessary criteria to determine precisely those in need of assistance.

In the United States, the official definition of an Indian is: “A person having one quarter part of Native blood who has been legally inscribed in the Government lists as an Indian”.

Based upon the results of the Second Inter-American Congress of Indigenous Peoples in Peru in 1949, Brazil adopted the Criterion of Ethnical Self-Identification. The indigenous population presents problems of inadaptability to Brazilian society by reasons of customs, habits or mere loyalty to pre-Colombian tradition; more precisely, any person recognised as a member of a pre-Colombian community ethnically different is an Indian and considered as such by the Brazilian population.

According to this definition, what determines if a group should be considered indigenous – whatever its racial composition or state of pre-Colombian traditions – is whether they consider themselves Indians or not, and whether or not they are considered Indians by the surrounding population.

Based upon this definition, the Brazilian indigenous population is estimated at 71,000 Indians. Because of the lack of precise data on many tribes, a minimum and a maximum are estimated: sixty-eight thousand and ninety-nine thousand.

The Brazilian aboriginal population has been decreasing rapidly since the beginning of the European colonization until today. In 1900, there were two hundred and thirty tribal groups in Brazil, whereas in 1957 they had been reduced to one hundred and forty-seven. In only fifty-seven years eighty-three tribal groups had thus disappeared.

Accepting the assignment of the Republican government in 1900, Rondon tried to modify the warlike outlook of the soldiers, by persuading them to look sympathetically towards the Indians, with such fraternal feelings that they might fulfill the vital need for populating and civilizing the Brazilian hinterland.

Rondon taught his subordinates to risk their lives in exchange for kindness. He would not permit aggressive or inhuman behavior with the Native tribes, always recalling José Bonifácio's words that civilized men were the usurpers of Indian territories, their legitimate owners.

On his first jungle mission, Rondon went as a mere assistant to General Gomes Carneiro, called the consolidator of the Republic because of his role in the 1893 Revolution which guaranteed Floriano Peixoto's second Republican government. Carneiro taught Rondon how to win the Indians without antagonisms by respecting their rights and giving them every guarantee, as the ownership of the land they had lost to the white men.

One day, a trail was being made through the jungle after passing the Pareci territory when Rondon and his companions were attacked with a rain of arrows by the Nambiquaras. These Indians used stone axes and did not know the canoe. It was on October 2, 1907 and Rondon narrowly escaped death by a poisoned arrow which can be seen today at the National Museum of Rio de Janeiro. A wholesale slaughter might have been started but Rondon forbade it, recalling his slogan when any Indian territory was trespassed: "To die, if need be; to kill, never".

He threw down his guns and bade his men the same to show their peaceful intentions. He left presents there before going away. The Native warriors understood that gesture which was repeated until their complete pacification. The expedition retreated and returned with emissaries for peaceful contacts; Rondon's men did not consider themselves defeated in this episode, but winners, because nobody was killed.

Rondon's voluntary confinement in the Brazilian jungle lasted for half-a-century. The widespread geographical exploration which he undertook can really be considered a second discovery of Brazil, by opening up an immense region that was previously known as UNKNOWN. He gave Brazil a territory equal in extent to the whole of France, with miles of telegraphic lines that could connect Lisbon to Warsaw. It is possible that Rondon may be the only explorer in any place or time who performed his task without a single bloodstain on his uniform, which was so honoured by him. One of his assistants, General Jaguaribe de Matos, said Rondon's feet had covered the longest trail ever blazed, adding: "And how many achievements for every step of this long march!"

Although modest, Rondon played the part of a Renaissance prince, traveling with geologists, anthropologists and botanists to carry out the scientific survey of Brazil. However, it was as a civilizer that he undertook the conquest of the Amazon, despite Humboldt's statement that the area was not compatible with civilization. He was an unusual civilizer – he was a true humanitarian. In today's violent life, it is good for a country to be able to remember such a man, who enlarged its frontiers and increased its vital area, always strenuously respecting the native lives he met.

Indeed, wherever he went, Rondon left crosses marking his assistants and soldiers' graves, killed by Indians. He himself was their victim, but he did not leave one single Indian death behind him. Thus, his expeditions were formed by an elite, although it would have been, and still is, easy to fill their ranks with assassins.

Besides his work for the Indians and the setting up of telegraphic communications throughout Brazil, Rondon was able to widen his activities to include important scientific research: the study of geography, topography, of the flora and fauna, minerals and geology, the climate and ethnology of Amazonia. His work for peace can only be compared to his widening of the knowledge of Geography, for which the Geographical Society of New York awarded him the 1914 the Livingstone Prize. On that occasion, Theodore Roosevelt declared: "America can show the world two cyclopathic achievements – to the North, the opening of the Panama Canal, and to the South the scientific, practical and humanitarian work of Rondon".

The name of Rondon is written in golden letters in a book shown to the visitors of the Geographical Society of New York as one of the five greatest explorers the world has known. They are: Peary, the discoverer of the North Pole; Amundsen, the discoverer of the South Pole; Byrd, the greatest explorer of the Antarctic; Charcot, the greatest explorer of the Arctic; and Rondon, the man who penetrated furthest into the tropics.

Rondon died before the decision about the 1957 Nobel Peace Prize was taken. As we know, the Prize is not granted post-mortem. However, innumerable tributes of respect were paid to him in his lifetime. In Paris in 1954, his eighty-ninth birthday was celebrated at the Sorbonne, where most of the main European universities were represented. In 1956, he was promoted to Marshal by a special decree of the Brazilian government, and the Federal Territory of Guaporé, in the Amazon region, was renamed RONDONIA after him.

Rondon's work is still present in Brazil, as he is seen as a pioneer in the effort to define Amazonian integration and to promote the rehabilitation of so-called "inferior" or "incapable" Brazilians, who in fact are only backward, ignorant and neglected.

Remembering his own humble origins, Rondon devoted his life and energy to the most humble and forsaken Brazilian. Because of this, against the prediction of that old Indian Chief, he will always be remembered with gratitude by all Brazilians.

NOTAS

1) These Indians are classified in three groups, according to their stages of acculturation:

ISOLATED GROUPS – Indians of which little is known and of whose existence vague information has been obtained through accidental or indirect contact.

GROUPS IN THE PROCESS OF INTEGRATION – These groups consist of Indians that have had some contact with the white man, but still retain their tribal customs and ways of life. They are already accepting some outside influences, tools and practices upon which they are becoming increasingly dependent for survival.

INTEGRATED GROUPS – Indians already integrated in the Brazilian society, with full rights, while retaining their cultural customs and traditions.

According to the Brazilian ethnologist Darcy Ribeiro, the various known indigenous groups are scattered over the following areas:

Amazon area – 94 groups – with 62,500 Indians

Central area – 34 groups – with 21,400 Indians

Eastern area – 11 groups – with 9,500 Indians

Southern area – 4 groups – with 6,750 Indians

With the rapid building of new roads and the opening up of the more remote parts of the Brazilian hinterland for development, the Brazilian Indian of today is being given very little time to prepare and adapt himself to the new conditions and concepts of a 20th century technological civilization, resulting in many cases after contact in the rapid dissolution and disintegration of tribal customs. It is estimated that since 1900, of the many Indian groups then known in Brazil, one-third have already disappeared as ethnic groups. The assimilation of thousands of Indians into the Brazilian population, and the disastrous effects of epidemics, such as the common cold, measles and consumption, are some of the major causes for the extinction of many tribes. Many Brazilians believe that at the present rate half of the still existing groups will also have disappeared by the year 2,000.

As is the case of all primitive peoples of the tropics – be it in Asia, Africa or America – the Brazilian Indian's affinity with the local fauna and flora and his rudimentary concepts of agriculture, hunting and fishing, are gradually being upset by the introduction of alien concepts of survival. Furthermore, the establishment of modern cattle-raising farms, with the consequent destruction of large tracts of forest, is creating an ecological imbalance, with a corresponding reduction of the Indian's sources of nutrition – not only of forest products but also of game, such as the deer, the wild pig and the capivara, which, besides fish, have always been the Indian's staple food supply. Furthermore, their constant migrations to avoid contact with the white man also tend to disturb their agricultural activities, which consist mainly in the planting of manioc, maize, sweet potatoes, peanuts and bananas.

The initial contact with the white man is also creating a demand by the Indians for many amenities and necessities of every day life, such as iron tools, salt and ready-made clothing, for which the Brazilian Indian has hardly anything to offer. In the past, to pay for these so-called "luxuries", the Brazilian Indian had only three alternatives:

- work for a Brazilian overseer against payment in cash or in kind;
- increase the output of his small plot of land;

– exploit his creative ability in the production of Indian artifacts for sale to white neighbours and visitors.

The Brazilian people have always been aware of their Indian problem, but for many years, after the withdrawal of the Jesuits from Brazil and during the days of the Empire (1822-1889), more concerned with the abolition of slavery in Brazil and other political and economic problems, further aggravated by the collapse of the rubber boom, no definite policy was formulated for the protection of the Indian and his rights.

2) FUNAI – The National Indian Foundation

At the beginning of this century, a series of decrees and laws were introduced dealing with the Indian problem. In 1928, Decree no. 5.484 legalized the Indian's position. In 1939, Decree no. 1.794 created the National Council for the Protection of the Indians. In 1967 Law no. 5.371 created the National Indian Foundation – FUNAI – FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO – absorbing within a single entity the Indian Protection Service, the National Council for the Protection of the Indians and the Indigenous Park of Xingú.

The main objectives and aims of the National Indian Foundation consist of the following:

- I – Establish the directives and ensure the execution of an Amerindian policy, based on the following principles:
 - a – respect for the Indian as a human being and for his institutions and tribal communities;
 - b – ensure their permanent possession of the lands which they occupy with the exclusive benefit of their natural resources and facilities;
 - c – help preserve the Indian's biological and cultural identity, after his contacts with modern society;
 - d – protect the Indian's socioeconomic evolution against sudden and violent changes, so that his acculturation may proceed spontaneously.
- II – Administer the Indian's Patrimony, aiming at its preservation, expansion and valorization;
- III – Promote studies, analyses and scientific research on the Indian and Indian social groups;
- IV – Provide medical assistance and health services for the Indians;
- V – Provide basic education commensurate with the Indian's gradual integration into the Brazilian society;
- VI – Stimulate through the various means of promotion a greater interest in the Indian's cause;
- VII – Exercise police duties in Indian reserves and in all matters related to the Indian's protection.

In order to carry out its functions, FUNAI controls the following outposts and centres, spread throughout Indian territory:

Regional Delegates	11
Indian Outposts	144
Indian Parks	4
Indian Reserves	17

Advanced Bases	4
Supporting Units	3

The four major Indian Parks, which together comprise 9.680.000 hectares, where thousands of Indians are being brought together and settled and where they can carry on their traditional way of life without interference, are the following:

PARQUE INDIGENA DO ARAGUAYA,
State of Goiás 2.038.000 ha.

PARQUE INDIGENA DO XINGÚ,
State of Mato Grosso 3.180.000 ha.

PARQUE INDIGENA DO ARIPUANÃ,
State of Mato Grosso and
Territory of Rondonia 1.672.000 ha.

PARQUE INDIGENA DO TUMUCUMAQUE,
State of Pará 2.790.000 ha.

Plans are underway for the creation of two more Parks:

PARQUE INDIGENA DE YANOMANI,
in the State of Amazonas and Territory of Roraima, for the Waiká and Yanomani Indians.

PARQUE INDIGENA DO ITUJÍ,
in the State of Amazonas, for Indians of the Marubo, Mayoruna, Katukina and Kulina tribes – across which territory a major highway is being built.

Besides these major Indigenous Parks, there are seventeen Indian Reserves in which Indian tribes of the Amazon – Pará – Mato Grosso – Rondonia and Goiás, are being settled. Five of these Reserves have been allotted to the Xavante Indians. The creation of another seven new Reserves is progressing rapidly.

In addition to an "Indian Hospital" on the Island of Bananal (Xavante territory), eleven mobile Health Teams, consisting of a doctor, a dentist and a qualified nurse, as well as a laboratory analysis assistant, visit the Outposts and Centres at regular intervals. Of 10,643 Indians attended by these teams during 1972 on the Island Bananal, the Xingú Park and the Caiuá Mission in Mato Grosso, 253 were found to be suffering from tuberculosis and received adequate treatment. In 1972 twenty tons of medical supplies were consumed in the treatment of Indians.

Great efforts are being made by FUNAI in the training of specialized personnel for the various tasks in connection with the Indian protection service, such as hospital attendants, interpreters and Indian attraction specialists.

In the 150 existing Indian schools, more than 15,000 Indians are receiving basic education, with the help of bilingual interpreters. With the assistance of the summer Institute of Linguistics a program was launched by FUNAI in 1970 for training native Indian teachers (monitors) for Indian schools. It is expected that the use of native teachers will induce, through racial affinity, a greater interest on the part of the Indian

pupils in their own language and cultural heritage, and will also permit and easier assimilation of the white man's language through a better understanding of the written word, phonetics and etymology. *By being taught by their own people, who talk to them in their own language, the Indians learn to trust their teacher.*

Besides the various activities of FUNAI in helping the Indian to adapt himself to modern conditions, he is also being taught improved methods of agriculture and cattle raising. The problem of habitation for integrated Indians is also receiving due attention by FUNAI.

The Government plans for the creation of large Indian Parks and Reserves have been the object of much criticism and pressure by vested interests, such as cattle raising, lumbering and the prospecting for minerals. Contacts with the Indians by uneducated and unexperienced backwoodsmen, rubber tappers, brazilnut collectors and gold and diamond prospectors, have caused great damage in the white man's relations with these still primitive but sensitive people. Although highly intelligent and adaptable, some Indians cling tenaciously to their ethnical background and offer great resistance to any changes which might threaten their traditional way of life: therefore less stress is today given to the forced acculturation of the Indian, and great patience and tolerance are now being used in the initial approach with the still untouched tribes, so as to prepare them for the impact of modern civilization.

These well-intentioned measures to safeguard at least in part the survival of the Amerindians and their tribal traditions have been seriously hampered by various factors such as the lack of adequate funds, shortage of qualified field-workers, and the absence of adequate planning in the past, considering the socio-cultural nature of the various projects.

Acculturation

Many Catholic and other Christian missions are also active among the Brazilian Indians today. Most of these missionary organizations are of recent formation, but a few go back to the early days of colonization, among them the Franciscan, Carmelite and Benedictine Orders, who also suffered greatly from the restrictions imposed by the Marquis of Pombal in the 18th century and later by the imperial Government of Brazil. It is estimated that some 50,000 Indians are being cared for by these missions.

Worthy of note is the outstanding work of the Salesians in the Rio Negro area, which covers some 30,000,000 hectares, and who, in their missions, run 8 Agricultural Training Centres for boys, 8 Domestic Science Centres for girls, 8 Hospitals, 14 Ambulatories, 5 'Kindergarten', 4 Maternity Centres, 6 Industrial Training Centres for boys, 6 Domestic Training Centres for girls, and 1 Secondary Education School, in addition to 50 Primary Schools.

The contributions of experienced Brazilian explorers – the Villas-Boas brothers, Francico Meirelles and others – have been of vital importance in the search for an ideal solution for this delicate problem.

"The only solution", according to Orlando Villas-Boas, "is a much slower process of integration, by giving the still surviving Indians of Brazil another half century or more the necessary adaptation. During this time they could again build up their tribal numbers and restructure their tribal organization and, what is still more important, they could gradually develop a greater immunity against the white man's diseases, so as to prepare

them for their final integration into the Brazilian society without the complete loss of their cultural identity”.

Proof of this theory is the fact that the Indians of the Xingu Park, of which Claudio and Orlando Villas-Boas are the patrons, enjoy excellent health. For three consecutive years not a single Indian baby has died from disease in the Xingú area. The adaptation to modern conditions of the Indians in the Park is proceeding rapidly and the white man's facilities and tools are already playing an important part in their every day life. While the adult Indians are increasingly dependent on the rifle, the fishing net and the axe, the young boys are quick to learn the intricacies of handling motor-boats, jeeps and tractors, and are quite clever as mechanics, and most of them already speak Portuguese fluently. If the Xingu Park continues for another 50 years, it is expected that its Indians, which represent many different tribes, will eventually join the Brazilian society not as misfits but as free, proud and useful individuals in their own right.

The Villas-Boas brothers no longer approve of the tactics of presenting the Indians with gifts. These have to be earned. All efforts should be made to keep the Indians in their own villages, with sufficient land to ensure their survival.

The credit for the creation of the Indian Xingu Park goes to the Villas-Boas brothers who, for many years, had been advocating the establishment of large Indian reserves, succeeding through various and repeated campaigns in instilling into the Brazilian people a consciousness and better understanding of the Indian problem, and the urgent necessity for the adoption of effective measures for its solution. The decree creating the Xingu Park, against strong opposition from land-owners of Mato Grosso was signed by the Government in 1961.

It comprises only a tenth of what the Villas-Boas brothers believed to be the minimum area required for bringing together a large number of Indian tribes. Today 15 different tribes, numbering approximately 1,731 Indians, have already been settled in this reserve.

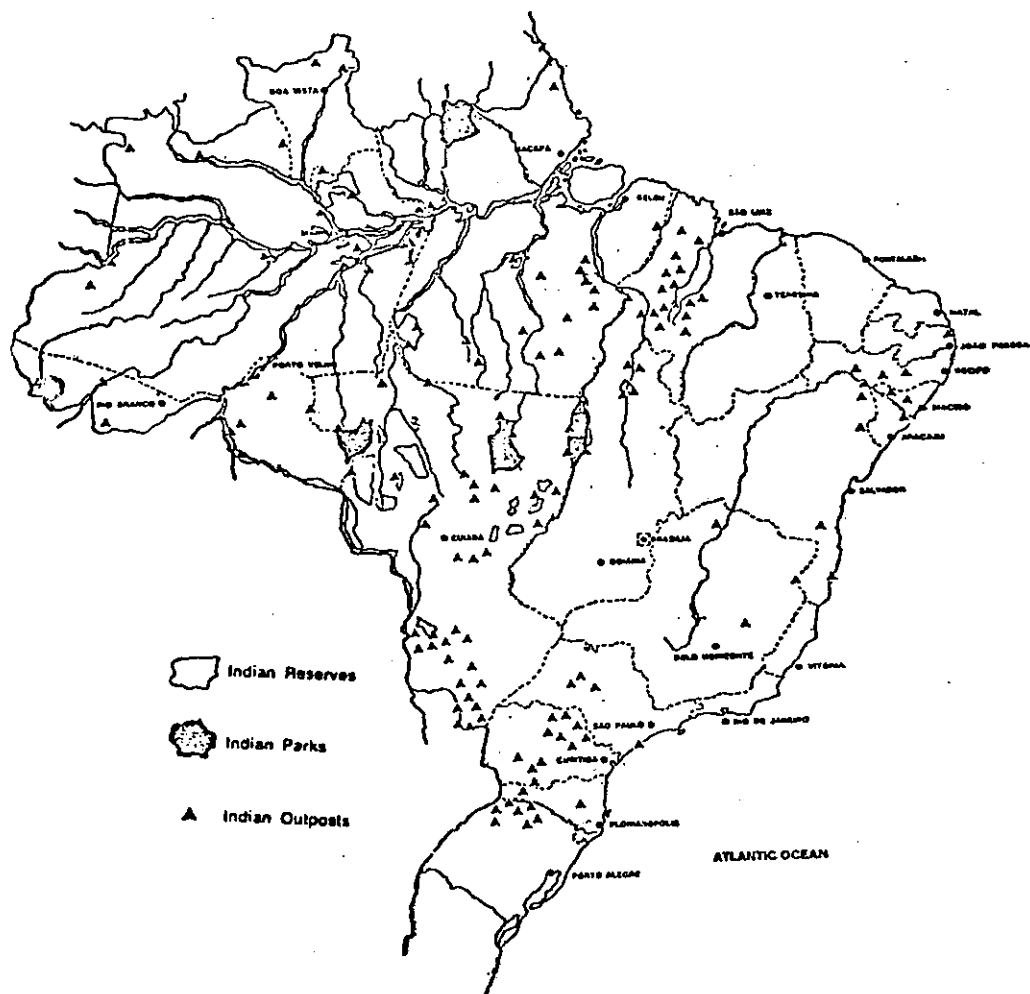
The work of attracting and pacifying new tribes, to be settled in Indian Parks, is still part of the every-day life of the Villas-Boas brothers. Their extensive experience and achievements in dealing with the Indians, and their great knowledge of the Indians cultural background and customs place them in an outstanding position with regard to Indian matters.

3) The Indian Statute, established by Law no. 6001 of December 1973, defines (Art. 58 and 59) the crimes against the Indians and their Native culture:

- 1 – To jeer at native cultural ceremonies, rites, usages, customs or traditions, or to revile or disturb in any way the practice thereof. PENALTY: One to three months imprisonment.
- 2 – To make use of the Indian or native community as an object of touristic propaganda or exhibition for lucrative purposes. PENALTY: Two to six months imprisonment.
- 3 – To foster by any means the use and spread of alcoholic drinks in tribal groups or among non-integrated Indians. PENALTY: Six months to two years imprisonment.

Sole paragraph. The penalties established in this article shall be increased by one-third when the crime is committed by an officer or employee of the Indian assistance agency.

In the case of a crime against the person, estate or customs, where the injured is a non-integrated Indian or native community the penalty shall be increased by one-third.



Source: FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
Ministério do Interior - Brasília, DF

CRONOLOGIA

- 1865 – Nascimento, em 5 de maio, de Cândido Mariano da Silva Rondon, na sesmaria Morro Redondo, ou Mimoso, Estado do Mato Grosso. No Brasil, assinala-se em 5 de maio o *Dia da Comunicação*, em homenagem a Rondon.
- 1871 – Estuda as primeiras letras com um ex-combatente da guerra com o Paraguai.
- 1873 – Vai viver com o tio, Manuel Rodrigues, em Cuiabá, Mato Grosso.
- 1881 – Diplomado professor de ensino primário, pelo Liceu Cuiabano.
- 1882 – Soldado e estudante, no Rio de Janeiro.
- 1883 – Matricula-se na Escola Militar, da Praia Vermelha (Rio de Janeiro).
- 1885 – Adoece gravemente. Chega-se a arrecadar fundos para o seu enterro, conforme praxe da Escola Militar em relação aos estudantes pobres.
- 1888 – Nomeado alferes-aluno.
- 1889 – Participa ativamente do movimento que, em 15 de novembro, depõe a Monarquia. Nomeado, em 23 de dezembro, ajudante de Gomes Carneiro, na Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas.
- 1890 – Promovido a segundo e a primeiro-tenente. Nomeado professor da Escola Militar, por indicação de Benjamin Constant.
- 1892 – Casamento, a 1º de Fevereiro, com Francisca (Chiquita) Xavier, que lhe daria os seguintes filhos: Heloísa Aracy, Bernardo Tito Benjamin, Clotilde Tereza, Marina Silvia, Beatriz Emília, Maria de Molina e Branca Luísa. Assume a tarefa de reconstrução da linha telegráfica, de Cuiabá ao Araguaia. Cria a divisa da benevolência em trica do risco de vida, na marcha ao encontro dos índios: *Morrer, se necessário for; matar, nunca.*
- 1893 – Além da Comissão das Linhas Telegráficas, tem o encargo de construção da estrada estratégica de Goiás a Cuiabá. É capitão e comandante de todos os destacamentos do sertão de Mato Grosso atravessados pela linha telegráfica.
- 1895 – Responde a Conselho de Guerra, ao ser denunciado por tratamento brutal aos soldados (recrutados entre os elementos mais indisciplinados e mandados servir no sertão como castigo). O ministro da Guerra manda arquivar o processo, como impropriedade, e o capitão Rondon recebe elogio em Ordem do Dia.
- 1898 – Dá por terminado o trabalho de reconstrução da linha, na direção do Araguaia. Pede sua filiação à Igreja Positivista, da qual era adepto desde os tempos da Escola Militar.
- 1899 – Nomeado, em 12 de janeiro, Auxiliar-Técnico da Intendência do Exército.
- 1900 – Pede demissão, em 13 de julho, da Intendência. Nova missão vinculada ao trabalho das linhas telegráficas. Deverá levá-las às fronteiras com a Bolívia e o Paraguai.
- 1903 – Promovido a major de Engenharia. Em 8 de janeiro, o casamento positivista com Francisca Xavier.
- 1906 – Termina o trabalho para o qual fora designado em 1900. Em setenta meses – de 1º de outubro de 1900 a 1º de agosto de 1906 – fizera construir 1.746

quilômetros de linha telegráfica, que chama de “sonda do progresso”, e é chamada por seus amigos os índios bororos, de “língua de Mariano”.

- 1908 – Promovido a tenente-coronel, em agosto.
- 1910 – Em 6 de fevereiro, último dia de carnaval, chega ao Rio, após quatro anos de internamento na selva, estabelecendo a comunicação telegráfica com o vale amazônico, onde o consideravam perdido. A população carioca interrompe os festejos e o homenageia como herói, ao seu desembarque no Cais Pharoux. Em 20 de junho, criação do Serviço de Proteção aos Índios (S.P.I.), que dá sentido oficial à obra indigenista de Rondon. Toma posse, em 7 de setembro, como Diretor do S.P.I.
- 1911 – O Congresso Universal das Raças, reunido em Londres, aponta a obra de Rondon como exemplo a seguir pelos países que possuam territórios habitados por tribos indígenas, “para honra da Civilização”.
- 1912 – Em plena marcha, na selva, recebe telegrama comunicando sua promoção a coronel.
- 1913 – Inicia, em dezembro, a expedição científica com Theodore Roosevelt, que durou até maio de 1914 e durante a qual seria colocado no mapa um rio desconhecido, de 1.500 quilômetros, o rio da Dúvida (hoje, rio Teodoro).
- 1914 – Recebe o Prêmio Livingstone, da Sociedade de Geografia de Nova Iorque, e diz Theodore Roosevelt, que o representa na cerimônia de entrega da honraria: “A América pode apresentar ao mundo as suas realizações ciclópicas: ao Norte, a abertura do canal do Panamá; ao sul, a obra de Rondon – científica, prática e humanitária”.
- 1915 – Concluída a comunicação telegráfica com a Amazônia. Empenha-se no trabalho de elaboração da Carta de Mato Grosso, ao mesmo tempo em que prossegue em sua campanha em favor do índio.
- 1919 – Aos cinquenta e quatro anos, com a saúde comprometida pelos desconfortos da selva, dá por encerrada a sua vida de sertanista. Morte de Theodore Roosevelt. Morte do cão Cahi, que para Rondon “não era bicho, era gente”. Nomeado, em 20 de setembro, diretor de Engenharia do Exército. É general-de-brigada.
- 1920 – Comparece às festas do bicentenário de Cuiabá, incumbindo-se da realização de importante exposição cartográfica. Condecorado pessoalmente pelo rei Alberto I, da Bélgica: “Pelo bem que o senhor tem feito à Humanidade”. Sua vida é contada às crianças, nas escolas públicas da Alemanha.
- 1922 – Nomeado, por aviso de 30 de setembro, para servir à Missão Francesa, que vem ao Brasil chefiada pelo marechal Gamelin. O presidente Epitácio Pessoa confia-lhe a tarefa de inspecionar as obras de combate à seca no nordeste. Apresenta relatório em 15 de novembro, com observações que o fazem também um pioneiro em favor da região nordestina, depois de ter sido pioneiro na obra de integração da Amazônia.
- 1924 – Assume a tarefa que sempre considerou a mais difícil de sua vida. É o Comandante das Forças em Operações no Paraná e Santa Catarina. Tenta a pacificação, sem resultados. Vence as tropas rebeldes, garantindo a manutenção do regime, que ajudara a instituir.
- 1927 – Nomeado, em 14 de fevereiro, para o trabalho de inspeção e exata demarcação de todas as fronteiras do Brasil, estabelecendo planos para o seu povoamento e a sua

- segurança. Começa o trabalho pelas Guianas, desce pelo sul e a tarefa está praticamente concluída na fronteira com a Argentina.
- 1930 – quando é preso, no Rio Grande do Sul, pelos revolucionários. Pede reforma do Exército.
- 1934 – Mediador em problema de fronteira, é condecorado pelos governos dos dois países litigantes: Peru e Colômbia. Recepção consagrada, no Rio de Janeiro, ao voltar dessa missão.
- 1938 – quando, pela primeira vez, o maestro Villa Lobos apresenta um hino escrito em sua homenagem – *Herói do Brasil* – e Osvaldo Aranha, ministro de Relações Exteriores, destaca a importância internacional de sua obra de Paz.
- 1939 – Criado o Conselho Nacional de Proteção aos Índios, é nomeado à revelia (toma conhecimento pelo *Diário Oficial*) seu primeiro presidente.
- 1954 – A Universidade da Sorbone, em Paris, comemora com uma sessão especial o seu 89º aniversário. Recebe a Legião de Honra, da França, no mais alto grau.
- 1956 – O território do Guaporé passa a chamar-se Rondônia, em sua homenagem.
- 1957 – Por iniciativa do *Explorer's Club*, de Nova Iorque, com apoio de entidades científicas e associações culturais do mundo inteiro, é candidato ao Prêmio Nobel da Paz.
- 1958 – Em 19 de fevereiro morre, no Rio de Janeiro, Cândido Mariano da Silva Rondon.